

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
IFCH – INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Maurício Grandi Mandelli

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS REAÇÕES
DE RELIGIOSOS ANTE UMA CAMPANHA
DA ATEA

Porto Alegre / RS

2011

Maurício Grandi Mandelli

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS REAÇÕES
DE RELIGIOSOS ANTE UMA CAMPANHA
DA ATEA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para obtenção do Diploma de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ari Pedro Oro

Porto Alegre / RS

2011

UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DAS REAÇÕES
DE RELIGIOSOS ANTE UMA CAMPANHA
DA ATEA

MAURÍCIO GRANDI MANDELLI

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emerson Alessandro Giumbelli

PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Ari Pedro Oro

PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Mauro Meirelles

PPGAS/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que, direta ou indiretamente, ajudaram na elaboração deste trabalho. Destaco, aqui, os meus pais - Rômulo Mandelli e Maria Salete Grandi Mandelli - meus irmãos - Marcelo Grandi Mandelli e Alexandre Grandi Mandelli - e minha namorada - Caroline Boff de Godoy - que sempre me deram seu total e irrestrito apoio nos momentos de maior dificuldade.

TÍTULO: Um estudo antropológico das reações de religiosos ante uma campanha da Atea

RESUMO: O presente trabalho versa a respeito de uma campanha orquestrada pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos e as suas subseqüentes reações por parte de religiosos. Primeiramente, então, uma descrição dessa Associação é feita, para que, a seguir, o leitor seja contextualizado em relação ao tema. Depois disso, os comentários dos indivíduos auto-declarados religiosos, em meio virtual, são analisados. Temos aqui cristãos, católicos, umbandistas, protestantes e espíritas, cada qual com suas distintas opiniões – que em seguida são analisadas - a respeito da iniciativa pesquisada.

TITLE: An anthropological study of the reactions of religious people faced with an Atea's Campaign

ABSTRACT: This work deals about an orchestrated campaign by the Brazilian Association of Atheists and Agnostics and their subsequent reactions by religious people. First, then, a description of this association is made, so that the reader is contextualized in relation to the subject. After that, the comments of individuals self-declared religious, in virtual environment, are analyzed. Here we have Christians, Catholics, Umbanda, Protestants and Spiritualists, each with their different opinions – which are then analyzed - on the initiative studied.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	8
3 UMA DESCRIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATEUS E AGNÓSTICOS E DA CAMPANHA DOS OUTDOORS	13
3.1 INFORMAÇÕES DA “CAPA” DO GRUPO DA ATEA NO <i>FACEBOOK</i>	14
3.2 SOBRE A CAMPANHA DOS OUTDOORS EM PORTO ALEGRE	16
3.3 CONTEXTO	19
4. REAÇÕES DE RELIGIOSOS, EM MEIO VIRTUAL, ANTE A CAMPANHA	22
4.1 COMENTÁRIOS DE INDIVÍDUOS AUTO-DECLARADOS CRISTÃOS	23
4.2 COMENTÁRIOS DE INDIVÍDUOS AUTO-DECLARADOS CATÓLICOS	26
4.3 COMENTÁRIOS DE INDIVÍDUOS AUTO-DECLARADOS UMBANDISTAS	30
4.4 COMENTÁRIOS DE INDIVÍDUOS AUTO-DECLARADOS PROTESTANTES E ESPÍRITAS	31
5 ANÁLISE GERAL DOS COMENTÁRIOS	33
6 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
REFERÊNCIAS ACESSADAS NA WEB	37
ANEXO A – “Somos todos ateus com os deuses dos outros”	38
ANEXO B – “Religião não define caráter”	39
ANEXO C – “A fé não dá respostas. Só impede perguntas”	40
ANEXO D – “Se deus existe, tudo é permitido”	41

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi realizada como Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tendo como orientador o Professor Ari Pedro Oro. Seguindo na área da Antropologia da Religião, proponho aqui fazer um estudo a respeito das reações de um grupo de religiosos ante uma campanha noticiada pelo site Sul21 e orquestrada pela Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, cujo objetivo primordial foi o de combater o preconceito contra ateus e agnósticos. Utilizando-se de banners espalhados através de outdoors pela cidade de Porto Alegre, essa iniciativa chamou a atenção da mídia e do público em geral. A partir disso, logo se percebeu a grande variedade de reações possíveis às mensagens expostas – nem todas de acordo com aquilo que se esperava ou se planejava pelos organizadores da campanha. Assim, depois de uma breve participação em uma reunião do Núcleo de Estudos da Religião (NER) e de diversas mudanças no projeto inicialmente pensado para este trabalho, surgiu o interesse em analisar tais reações, mas limitando esse estudo apenas para aquele que pode ser considerado o principal público-alvo da campanha – ou seja, os religiosos. No entanto, tornou-se necessário aplicar alguns filtros de modo a restringir o objeto de estudo para que a pesquisa se tornasse viável. Foi assim que se decidiu limitar-se apenas àqueles indivíduos auto-declarados religiosos em um dos primeiros sites a noticiar a campanha – o jornal virtual Sul21. Baseando-se nos comentários desses indivíduos, procurou-se encontrar respostas a diversas questões. A iniciativa, afinal, atingiu os seus objetivos ou, por outro lado, mostrou-se contraproducente? Qual a intensidade das reações observadas? Que mensagens, imagens ou outros fatores influenciaram na opinião dos indivíduos estudados? É em torno de tais indagações que construo esta pesquisa de forma mais objetiva possível. O trabalho, por fim, está organizado de forma que três seções mereçam destaque. Na primeira delas, faz-se uma descrição da ATEA e da campanha organizada por ela; na segunda, são expostas as reações do grupo de religiosos estudado ante a iniciativa noticiada; e, finalmente, na terceira delas, faz-se uma análise geral dos comentários colhidos - de forma que os objetivos aqui propostos sejam atingidos.

2 METODOLOGIA

Antes de entrar em detalhes a respeito da questão metodológica da pesquisa que se pretende empregar neste trabalho, é necessário esclarecer alguns pontos em relação aos objetivos a que me proponho neste trabalho e às suas características especiais. O principal desses objetivos – a vontade de compreender as reações de religiosos ante uma campanha da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (ATEA) - apresenta um notável diferencial (cuja existência tem influência direta nos métodos e técnicas que devem ser utilizados): o fato de ser um estudo baseado em um meio virtual.

Define-se meio virtual como aquele ambiente localizado em sua essência na internet – neste caso específico, em um site de notícias juntamente com os comentários de seus leitores. Levando isso em consideração, torna-se clara aqui a necessidade de pensar alternativas às formas já consagradas de fazer pesquisa (as etnografias tradicionais) a fim de construir um estudo que preencha as expectativas criadas ao seu redor. Para isso, uma discussão mais profunda acerca dos métodos de pesquisa deste trabalho deve ser travada

Mônica Pieniz, em seu artigo “Novas configurações metodológicas e espaciais: a etnografia do concreto à etnografia do virtual” nos fornece, assim, ampla base teórica para embasar uma discussão acerca de tal tema. Christine Hine (cit. in PIENIZ, 2009, p. 1), em seus escritos aqui utilizados por Pieniz, propõe-nos que quando se fala em metodologia, está se falando de forma implícita sobre nossa identidade e sobre os padrões segundo os quais desejamos que nosso trabalho seja julgado. As novas tecnologias, dessa forma, têm a capacidade de tornar essa questão mais interessante ao nos fazer interrogar a respeito do nosso entendimento e compromisso metodológico.

Tal entendimento e compromisso estão ligados à experiência pessoal da etnografia. Conforme Pieniz (2009, p. 2), essa experiência seria a de

(...) situar-se no interior da cultura a fim de realizar o empreendimento científico que é a formulação de base na qual o pesquisador imagina estar situado a fim de contribuir para o alargamento do discurso humano.

Assim, conclui-se em seguida que o etnógrafo é o responsável por interpretar os acontecimentos e materializar o discurso social na forma de um relato, cuja intenção seria a de possibilitar o acesso à informação na posteridade (PIENIZ, 2009, p.2).

Hine (cit. in PIENIZ, 2009, p. 6), então, é novamente posta em destaque no momento em que afirma que o contexto online pode ser definido como um contexto cultural a partir da demonstração de que a etnografia é capaz de ser aplicada a ele. Assim, de acordo com ela, se temos confiança de que a etnografia pode ser aplicada com sucesso em contextos online, então podemos ficar seguros de que estes são, realmente, contextos culturais, visto que a etnografia é um método para entender a cultura. Os indivíduos que se pretende estudar, portanto, já se mostram como objeto passível de estudo – ao menos à primeira vista.

Deve-se explicitar com mais detalhes, no entanto, de que maneira esse estudo será feito de forma que isso fique mais claro. Para isso, uma breve introdução da técnica etnográfica virtual é necessária.

Segundo Mônica Pieniz (2009, p. 6), o neologismo “netnografia” foi cunhado em 1995 por pesquisadores da América do Norte. Já o termo etnografia virtual é mais utilizado por Hine (e mantido no artigo em questão) – e, por consequência, também nesta explicação. O desafio metodológico, assim, foi preservar a riqueza dos detalhes da observação em campo etnográfico, mas usando o meio eletrônico para seguir os atores. Dessa forma, alguns autores – ainda conforme Pieniz - passam a defender a imersão exclusiva no virtual, enquanto outros acreditam que se torna necessário fazer uma triangulação de técnicas - como entrevistas por telefone, por vídeos e até a aplicação de técnicas de modo presencial, uma vez que as identidades são falsificadas na internet com facilidade. Em relação ao caso em questão, a imersão no grupo de indivíduos referente a este trabalho se dará de acordo com a primeira dessas opiniões, havendo imersão exclusiva no meio virtual, uma vez que, além da impossibilidade de se aplicar algumas das técnicas propostas pelo segundo grupo de opiniões, consideraram-se as informações ali contidas suficientemente confiáveis para que os objetivos propostos nesta pesquisa sejam alcançados em sua plenitude.

Pieniz continua sua discussão, alguns parágrafos depois, afirmando que na comunicação face-a-face, por telefone, por carta ou por outra situação similar, as pessoas sabem como agir, visto que existe uma regulação tácita que cria expectativas. Entretanto, a comunicação mediada por comunicadores (CMC) apresenta, de acordo com a autora, uma

nova situação que demanda certo improviso nessa interação. Assim - ela continua -, busca-se adaptar modelos de outras situações para as interações na CMC ao se criar regras de regulação nesse meio.

Tendo isso em vista, os participantes da CMC se vêem na obrigação de improvisar e de adaptar formas de interação que seriam comumente usadas em contextos distintos. O analista desse ambiente, assim, precisa estudar combinações e adequações de outros contextos para analisar o ambiente digital (PIENIZ, 2009, p. 7). Dessa forma, Mônica Pieniz afirma que ele efetua tentativas de usos metodológicos já conhecidos – que é o caso da etnografia.

A autora continua seu texto lembrando que a etnografia tem como foco a observação participante, uma vez que é impossível uma observação não-participante em situações de campo face-a-face. No entanto, no caso da etnografia virtual, existe a possibilidade de ficar invisível – o que é chamado de *lurking* (PIENIZ, 2009, p. 8). Este se constitui em um caso particular de participação, que sem dúvida fará parte do processo de pesquisa empregado neste trabalho, mostrando-se, aliás, como o principal método aqui empregado. Pieniz chega a apontar a possibilidade de essa técnica ser vista como eticamente incorreta, embora esse tipo de participação seja implícito ao ambiente digital. Entretanto, na opinião de Adriana Braga (cit. in PIENIZ, 2009, p. 8) a participação - mesmo que invisível – no grupo é que irá viabilizar a apreensão de aspectos daquela cultura. Isso possibilitaria, então, a elaboração posterior de uma descrição densa, que demanda, segundo ela, uma compreensão detalhada dos significados compartilhados por seus membros e da rede de significação em questão.

Em relação a isso, Suzana de Souza Gutierrez, em seu artigo “A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line”, nos dá algumas orientações que serão sem dúvida levadas em consideração no decorrer deste trabalho. A autora se utiliza de Quentin Jones, que, nas palavras de Gutierrez, explica que

(...) da mesma forma como o arqueólogo considera os artefatos de uma cultura, é possível estudar as comunidades virtuais a partir dos artefatos culturais que elas produzem e estabelecer uma pesquisa de longo prazo (GUTIERREZ, 2009, p. 7).

Assim, para esse autor, focar nos artefatos culturais de comunidades virtuais significa manter o foco em como tais artefatos têm a capacidade de dar estrutura para a vida da comunidade virtual. No entanto, aponta-se que é importante, nesse processo, distinguir a comunidade do seu assentamento virtual (o site de notícias neste caso). Mesmo assim,

segundo Jones, esse assentamento virtual limita e é limitado pela comunidade que abriga por meio dos artefatos culturais que o constituem. Dessa forma, os indivíduos estudados, apoiados em um site de notícias e sua estrutura de comentários, estão sujeitos aos limites que o formato desse site impõe à rede e ao desenvolvimento da comunidade. Por outro lado - Jones continua -, a comunidade também interfere no aparato técnico, transgredindo os limites inicialmente pensados para o seu uso. Suzana conclui essa discussão, então, apontando que é possível “escavar” os variados níveis que uma rede formada por indivíduos vai depositando no meio – seja acompanhando o seu presente, seja investigando o seu passado - que fica registrado, no caso específico desses indivíduos, nos registros da própria página em que comentaram.

É importante pensar também a respeito do que Gutierrez chama de aspectos autobiográficos que uma pesquisa pode assumir, utilizando-se dos estudos de Reda (2007), Wall (2006) e Amaral (2008). Isso se dá, segundo ela, na medida em que o pesquisador vai estudar um grupo do qual ele faz parte, onde dialoga, compartilha experiência, onde conhece e é conhecido – algo que efetivamente não faz parte da experiência a que me proponho. A autora cita Sarah Wall (cit. in GUTIERREZ, _ _ _ , p. 11), para a qual a experiência do pesquisador associada às experiências dos sujeitos pesquisados faz com que o estudo tenha uma abrangência maior. No entanto, neste caso em questão, não há motivos para que o pesquisador interfira diretamente no grupo estudado, uma vez que as reações que se pretendem estudar já estão suficientemente expostas naquele ambiente. Para maiores objetivos, entretanto, certamente uma abordagem mais presente se mostraria necessária.

Considera-se, ainda, que as interpretações do etnógrafo devem ser dignas de confiança em qualquer tipo de etnografia (PIENIZ, 2009, p. 9). Dessa forma, é muito importante que os dados analisados não estejam sujeitos a ambigüidades. No caso em questão, assim, serão analisados apenas aqueles comentários em que a crença dos indivíduos estiver claramente exposta, de maneira que suposições pouco científicas não tenham aqui espaço. Os indivíduos estudados, além do mais, não devem ter as suas identidades expostas sem o seu consentimento, de forma que diversas técnicas possam ser utilizadas para que isso não ocorra. Na impossibilidade de entrar em contato diretamente com os indivíduos estudados, a utilização de pseudônimos ou a supressão de partes de suas identidades pode ser empregada para essa possibilidade. No caso deste estudo, isso permite que o comentarista possa futuramente apagar seu comentário daquele ambiente virtual, sem que sua identidade continue anexada àquele texto apenas consultando páginas desta pesquisa.

Por fim, cito a mesma autora em suas considerações finais, quando versa a respeito das adaptações que se faz no campo da etnografia virtual. Para ela:

Isso não significa que esta deva ou possa ser superficial e ‘aguada’. Pelo contrário, são pelas limitações de acesso presencial aos sujeitos estudados que os procedimentos metodológicos devem ser mais diversificados e densamente descritos para que a etnografia virtual tenha validade científica e razão social de ser praticada. Por ser inspirada e levar o nome originário de uma etnografia tradicional, a virtual deve ser utilizada da melhor maneira possível até podermos afirmar que o método é o mesmo e o que muda é apenas o objeto. Neste ponto, o crucial é manter as características vistas no começo do artigo: dedicar tempo, obter experiência a cada dia, trabalhar por uma descrição densa e ter como foco o outro ser humano em sua totalidade (PIENIZ, 2009, p. 10).

3 UMA DESCRIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATEUS E AGNÓSTICOS E DA CAMPANHA DOS OUTDOORS

Antes de iniciar aquela que se pode classificar a grosso-modo como a “principal” análise deste trabalho (ou seja, a das reações de religiosos ante uma campanha da ATEA), é essencial a descrição do próprio grupo responsável por essa campanha. Dessa forma, o estudo se dará de forma mais completa, sem que a omissão de informações - que inicialmente possam parecer irrelevantes – prejudique o entendimento final deste estudo.

Assim, algumas das informações mais básicas a respeito da ATEA serão expostas. Pretende-se, dessa forma, apresentar ao leitor esse grupo para que, depois, uma introdução à campanha empregada pela Associação possa ser de mais fácil compreensão.

Dar-se-á início, então, à apresentação de alguns aspectos visuais presentes naquela que pode ser considerada a mais divulgada “sede virtual” da ATEA - o seu grupo no *facebook*. Além de ser o espaço mais divulgado, esse grupo também foi o escolhido para este princípio de análise por ser aquele que recebe o maior número de atualizações diárias e, por isso, também provavelmente o maior número de visitas. Para que se tenha uma ideia, 39.209¹ pessoas acompanhavam as atualizações do grupo da ATEA no *facebook* na data acessada, enquanto que a página oficial informava um total de apenas 3.325² membros inscritos. Além do mais, é de praxe o compartilhamento de postagens do grupo por membros para indivíduos não inscritos – de forma que o alcance das informações ali postadas seja muito maior. A página oficial, por fim, apesar de conter informações bastante relevantes para a pesquisa – que, diga-se de passagem, também serão utilizadas – parece receber atualmente menor atenção por parte dos membros da Associação em comparação com a sua extensão no *facebook* – assim justificando uma maior ênfase nas informações postadas neste espaço, que serão discutidas a seguir.

¹ Grupo do facebook da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Disponível em <<http://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR>> Conforme acessado em 11 dez. 2012

² Site oficial da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Disponível em < <http://www.atea.org.br>>. Conforme acessado em 11 dez. 2012

3.1 Informações da “capa” do grupo da ATEA no *facebook*

São diversas as informações que se pode obter apenas a partir da análise desse grupo. A partir delas, torna-se possível compreender as questões primordiais a respeito da existência da Associação. Tais informações, então, mostram-se como a base do conhecimento necessário para um aprofundamento posterior das políticas empregadas por esses indivíduos.

Então, nada mais lógico que iniciar essa explanação a partir do item “descrição”, de maneira que uma introdução aos principais aspectos do grupo como uma entidade seja feita. Nesse item, encontramos o texto a seguir:

A Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos é uma entidade sem fins lucrativos registrada na Receita Federal - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) sob o número 10.480.171/0001-19 e no 1º Oficial de Registro de São Paulo/SP. A ATEA surgiu da necessidade crescente de ateus se organizarem e conta atualmente com mais de 2050 associados. Foi criada em 2008 por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli.

É uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político ou partidário, com a finalidade de desenvolver atividades no campo da ordem social que busquem promover o ateísmo, o agnosticismo e a laicidade do Estado.³

Pode-se perceber, a partir dele, então, o quão minimamente organizada é essa organização. Não estamos nos referindo aqui, dessa forma, simplesmente a uma união de amigos com um interesse em comum, mas sim a uma entidade com objetivos institucionalizados (de acordo com o texto, “surgiu da necessidade crescente de ateus se organizarem”) e legalmente cadastrada sob um CNPJ. Isso não quer dizer que tal Associação é “mais legítima” que outros grupos, mas dá indícios da forma como os seus membros atuam. Além do mais, temos ali também informação referente à data de fundação da entidade e aos seus fundadores – fatos importantes para se compreender posteriormente o contexto em que o grupo foi criado.

O item que se segue ao da descrição se chama “missão”. Reproduzo abaixo o seu conteúdo:

³ Grupo do facebook da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Seção Informações. Disponível em <<http://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR?sk=info>> Acesso em 24 nov. 2011

- Congregar ateus e agnósticos, defendendo seus interesses e direitos, em todo o território nacional, bem como nos países ou estados independentes onde o Estado Brasileiro possui representação diplomática;
- Combater o preconceito e a desinformação a respeito do ateísmo e do agnosticismo, dos ateus e dos agnósticos;
- Auxiliar a auto-afirmação dos ateus e agnósticos frente ao preconceito e a rejeição sociais;
- Apontar o ateísmo e o agnosticismo como caminhos filosóficos viáveis, consistentes e morais;
- Promover sistemas éticos seculares;
- Promover a laicidade efetiva do Estado, combatendo em todas as esferas legais qualquer tipo de associação que seja contrária ao descrito na Constituição da República Federativa do Brasil;
- Promover o pensamento crítico e o método científico; e
- Defender os direitos legais de ateus e agnósticos podendo participar e contribuir com as instituições democráticas legalmente descritas e fundamentadas na Constituição da República Federativa do Brasil, fazendo sugestões, participando de discussões sociais e representando ações públicas ou privadas sempre com base nos objetivos descritos e fundamentados no estatuto.⁴

Percebe-se que essa seção da capa se apresenta em forma similar a de um manifesto, com a intenção de esclarecer os principais objetivos e políticas do grupo. Pode-se supor, portanto, que tais ideais sejam postos em prática em suas campanhas, inclusive a que se pretende analisar neste trabalho. Dessa forma, começa-se a entender algumas das características do objeto de estudo mais detalhadamente, mesmo que de forma ainda muito generalizada.

Assim, pode-se dizer a grosso-modo, com base no texto recém visto, que um dos objetivos mais perseguidos pela Associação é o combate ao preconceito contra ateus e agnósticos. Ressalta-se também a luta pela laicidade do Estado e a promoção do pensamento crítico e o método científico.

Para aprofundar nesse assunto, deixemos de lado o grupo do *facebook* e partamos, então, para o site oficial da ATEA. Nele, podemos encontrar uma apresentação da campanha dos outdoors, onde encontraremos com mais detalhes como é que se teorizou a prática desse movimento e os seus objetivos específicos.

⁴ Grupo do facebook da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Idem.

3.2 Sobre a campanha dos outdoors em Porto Alegre

A campanha organizada pela ATEA, explicada de forma simplista, consistiu-se de quatro anúncios, espalhados por outdoors na cidade de Porto Alegre (os quais foram inicialmente pensados para serem exibidos em ônibus – por isso a campanha também é por vezes referida como “campanha dos ônibus”). A respeito dela, a Associação se manifestou, em seu site oficial, da seguinte forma:

A ideia que dirigiu o conjunto dos anúncios da campanha dos ônibus foi a tentativa de traduzir, em todos eles, tanto a luta contra o preconceito como uma pequena expressão do que pensam os ateus. Essas posições obviamente vão de encontro ao pensamento religioso, mas entendemos que não há como convivermos em paz sem conhecermos uns aos outros, e atualmente os ateus são desconhecidos da sociedade: eles se dividem entre invisíveis e demonizados. O preconceito não acabará enquanto nós e nossas ideias formos desconhecidos para o público.

Esconder o que pensamos seria desonesto. Ter um lugar à sociedade significa também que nossos pontos de vista têm o mesmo direito de exposição que todos os demais, atentando sempre para críticas em tom civilizado dirigidas às ideias, e não a pessoas.

Entendemos que nenhuma das peças que exibimos é ofensiva. Faz parte do caráter educativo da campanha a mensagem de que não há nada de errado em expor suas discordâncias com os princípios religiosos, em público ou reservadamente. A indignação que os anúncios podem causar está ancorada na presunção de que discordar ou criticar ideias equivale a desrespeitar pessoas - ao menos no campo religioso. Isso está errado. Todas as ideias podem ser criticadas e debatidas. E é claro que isso inclui o ateísmo.

Aqueles que nos acusam de fazer aquilo que criticamos devem atentar para o fato de que não lutamos contra as críticas ao ateísmo, mas contra a associação de ateus - que, devemos lembrar, são pessoas - à criminalidade, à imoralidade e atos hediondos. Não vemos os religiosos como inferiores e jamais afirmamos isso. Mas temos o direito de expressar nossos pontos de vista, mesmo de maneira assertiva.

Há séculos nossa sociedade vem aceitando como perfeitamente naturais as afirmações que jorram dos púlpitos e dos palanques de que ateus são maus e religiosos são bons. No entanto, a maior parte das pessoas se choca com nossas mensagens educadas que não denigrem ninguém. Esse é um duplo padrão que precisa acabar. A respeito disso, leia o texto Ofensa: qual o padrão? ⁵

⁵ Site oficial da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Seção “Os anúncios”. Disponível em <http://www.atea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=222&Itemid=118> Acesso em 24 nov. 2011

Considero esse texto essencial para a elaboração desta pesquisa. Afinal de contas, ele procura antecipar as críticas que serão recebidas (e, vale lembrar, analisadas no decorrer deste trabalho), além de dar uma resposta a elas. Ressalta-se o momento em que é afirmado que é de entendimento da entidade que nenhuma das peças exibidas é ofensiva. Completa-se o pensamento com a idéia de que “a indignação que os anúncios podem causar está ancorada na presunção de que discordar ou criticar idéias equivale a desrespeitar pessoas (...)”, o que, segundo o grupo, está errado. Também é dito que os religiosos não são vistos, por eles, como inferiores – e isso jamais foi afirmado.

Além desse texto, cada um dos anúncios foi discutido separadamente. A seguir, reproduzo o que foi escrito a respeito deles:

"Somos todos ateus com os deuses dos outros" (ANEXO A)

O preconceito só existe enquanto se vê o outro como inferior. Apontar as semelhanças que temos, portanto, é um meio eficaz de destruir essa lógica. A peça mostra de maneira clara que ateus e monoteístas compartilham da mesma descrença com relação à imensa parte dos deuses, e divergem somente a respeito de um deles. Quando um teísta percebe que também enxerga quase todas as divindades como mitos, ele pode com mais facilidade se colocar no lugar de um ateu, e vê-lo como igual. Ao mesmo tempo, o contexto do anúncio coloca todos os deuses em pé de igualdade, sugerindo que todos eles são criações humanas.

"Religião não define caráter" (ANEXO B)

Os grupos que são vítimas de preconceito sempre sofreram com a afirmação de que são imorais: é o caso de mulheres, negros, homossexuais, e particularmente forte no caso de ateus. A palavra "ímpio", por exemplo, significa tanto "ateu" como "cruel" ou "que ofende os pais, a moral, a justiça" - assim como, no vocabulário do racista, "de preto" é sinônimo de ruim. Reza o preconceito que religiosidade significa bondade e ateísmo significa maldade. O anúncio pretende apontar como ambos os estereótipos são falsos.

"A fé não dá respostas. Só impede perguntas." (ANEXO C)

Essa mensagem contém mais do que parece à primeira vista. É a única em que a crítica ao pensamento religioso parece estar em primeiro plano, o que é reforçado pela imagem sugerindo que a fé é uma prisão. Mas a frase se opõe ao preconceito que emana da fé. Ele é reforçado diariamente nas igrejas com as declarações de padres e pastores, cardeais e papas. A nova versão internacional da bíblia contém 298 versículos citando a palavra ímpio, mostrando que é um assunto recorrente. Ali os ateus são descritos como a epítome da maldade e naturalmente todos são instados a se afastarem deles. É por fé que os religiosos sustentam a veracidade desses textos, e é por fé que reproduzem esses comportamentos. Portanto, a crítica à fé é condição necessária para desmontar o preconceito que ela alimenta. É a fé que impede perguntas fundamentais como "meu livro sagrado descreve os ateus como maus; isso será mesmo verdade?"

"Se deus existe, tudo é permitido" (ANEXO D)

A frase é uma contraposição à ideia muito popular de que a moralidade é impossível, inexistente ou sem sentido em um mundo sem divindades. Conjugada à imagem, ela aponta que a existência de divindades não cria automaticamente uma moral absoluta porque, assim como existe uma infinidade de deuses, vários deles "únicos", cada um deles vem com seu próprio sistema moral absoluto - e são todos diferentes entre si. Mesmo entre os que concordam com a existência de um mesmo deus, existe enorme multiplicidade de interpretações sobre o que é moral ou não.

O avião se chocando com o World Trade Center não significa que todos os muçulmanos ou que todos os religiosos são homicidas-suicidas, mas que a existência de um ou mais deuses traz consigo tantas visões morais diferentes que sempre é possível achar alguma que justifique aquilo que se deseja. Poderíamos ter usado uma imagem de tortura da Santa Inquisição, descrições das Cruzadas, afirmações da igreja católica contra o direito ao divórcio ou contra o uso de preservativos e o planejamento familiar, ou qualquer outra insanidade que vem de um imperativo religioso, mas a queda das torres gêmeas traduz a mensagem de uma maneira visual mais apropriada para o veículo em questão.⁶

Nota-se, a partir desses textos, algumas de suas intenções. Além de funcionarem como uma apresentação mais profunda à campanha, discutindo as imagens utilizadas separadamente, percebe-se também uma espécie de justificação da iniciativa levada adiante pelo grupo. Além do mais, encontramos ali aquilo que cada uma das imagens, na opinião de seus criadores, significa. Esse significado é, afinal, a mensagem que os organizadores da campanha esperavam passar para o público-alvo.

De acordo com isso, então, o primeiro banner pretende passar a mensagem de "igualdade" – de forma que teístas perceberão que também enxergam outras divindades como mitos. Com o segundo banner, quer se passar a ideia de que o ateísmo não é uma condição de inferioridade. Já o terceiro banner chama a atenção por ser uma crítica admitida à fé – que, segundo os autores, é responsável por alimentar preconceitos. Por fim, o último banner discute a ideia de que a moralidade não é dependente da existência de um deus – podendo não ser encontrada mesmo naqueles que têm uma crença. Deve-se ressaltar, no entanto, que esta última imagem não foi divulgada pelo site de notícias que será futuramente neste trabalho utilizado para fins desta pesquisa. Dessa forma, a existência desse banner tem grandes chances de ter sido completamente ignorada pelos indivíduos analisados.

⁶ Site oficial da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Idem.

3.3 Contexto

Além dessas discussões, no entanto, é preciso ter em vista também o contexto (ou estopim) que levou à confecção dos anúncios. Esse contexto é explicado no site da seguinte forma:

O lançamento da campanha ocorre pouco depois de o Ministério Público Federal ajuizar ação civil pública contra o jornalista José Luiz Datena pedindo retratação de suas afirmações ofensivas contra ateus. Datena já é alvo de um inquérito civil aberto pelo Ministério Público Estadual e uma investigação criminal na Delegacia de Crimes de Racismo e Discriminação, em São Paulo, requerida pela Atea.

As iniciativas de autoridades públicas em defesa dos ateus, embora tenham sido provocadas pela Atea e outros ateus indignados, são inéditas no país e constituem marcos importantes em nossa luta por direitos. Recentemente a Atea exerceu direito de resposta em dois grandes jornais do país com relação a um par de artigos de Frei Betto relacionando tortura a ateísmo militante.

Enquanto isso, nos EUA os American Atheists veicularam um outdoor em Nova York celebrando a razão. Quatro grandes organizações de ateus norte-americanos lançaram em outdoors, ônibus, trens e em jornais e revistas a maior campanha de divulgação ateia já veiculada, segundo relato da American Humanist Association. No Canadá, o Centre for Inquiry está lançando a campanha "Alegações extraordinárias requerem evidências extraordinárias", com anúncios em ônibus, eventos educativos e discussões online. Inspirado na famosa citação de Carl Sagan, o material compara Jesus ao pé-grande, OVNI's e outras entidades do mesmo calibre.⁷

Percebe-se, portanto, que a campanha já se configura como uma reação a um fato ocorrido (as afirmações de José Luiz Datena). No entanto, além dessas afirmações, é importante chamar a atenção para todo um contexto envolvendo esse tema. Para isso, utilizo-me dos escritos de Ari Pedro Oro (2001), que versa, em seu artigo intitulado "Políticos e Religião no Rio Grande do Sul – Brasil", a respeito de um "(...) amplo debate teórico sobre a complexa relação, confrontação e tensão existente entre religião e modernidade, da qual resulta a 'secularização'". Segundo ele, para alguns autores, como Bryan Wilson, esta última "(...) constitui um processo histórico irreversível – embora ocorra de forma heterogênea segundo os países, as sociedades e as culturas – que atinge a organização da sociedade moderna, sua cultura e mentalidade coletiva". Oro ainda define a secularização, baseando-se

⁷ Site oficial da ATEA – Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Seção "Campanha dos ônibus". Disponível em < http://www.atea.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75&Itemid=92 > Acesso em 24 nov. 2011

em Wilson, como a “(...) perda estrutural da posição hegemônica da religião na sociedade”. Assim, concluindo parcialmente esse segmento da discussão, o autor aponta que

Vários autores compartilham com B. Wilson a idéia da secularização como um processo de autonomia das várias esferas do agir social em relação à religião, a qual se circunscreve ao âmbito do privado, da subjetividade individual. Pierucci cita mais de vinte autores favoráveis a essa teoria da secularização (1997, p. 109). Por outro lado, elenca uma dezena de outros autores que se posicionam contrariamente à teoria da secularização, ao menos entendida na acepção acima de recuo da credibilidade e da legitimação da religião na sociedade. Para esses autores, nas últimas décadas, ao invés da anunciada “morte de Deus”, “fim da religião”, “declínio da religião”, “eclipse do sagrado”, “secularização linear e irreversível”, constatam-se o “retorno do sagrado”, a “revanche de Deus”, o “eclipse da secularização”, a “crise da secularização”, o “fim do paradigma da secularização”, etc. Ou seja, a atual visibilidade mediática da religião, a irrupção de novos movimentos religiosos, o sucesso da literatura esotérica, são interpretados como um fortalecimento do sagrado no contexto de uma modernidade que se mostra incapaz de resolver os problemas mais profundos do ser humano e não consegue superar as suas próprias contradições e ambigüidades internas. (ORO, 2001, p. 162)⁸

Percebe-se, portanto, que a conjuntura política nacional não pode ser ignorada nesta contextualização que se propõe. A respeito disso, Mauro Meirelles (2011) em sua tese de doutorado intitulada “Imaginários políticos e religiosos no sul da América Latina” nos aponta a constatação feita por ORO (cit. in MEIRELLES, 2011, p. 65) de que

(...) os fatos observados ao longo das últimas eleições legislativas tanto de 2008 como de 2010 têm mostrado a existência de fronteiras bastante fluídas e porosas entre o campo político e o campo religioso em virtude da passagem e do trânsito, ora mais intenso, ora menos, de lideranças religiosas que adentram no campo político na defesa de interesses dos grupos religiosos do qual fazem parte, ao mesmo tempo em que, seguindo o caminho inverso, lideranças políticas bastante conhecidas no meio político, também adentram ao campo religioso na busca de apoios eleitorais ligados a esses grupos específicos.

Depois, nos é chamada a atenção para a formação das chamadas “bancadas evangélicas” no Congresso, além de recentes mimetizações feitas por outros segmentos religiosos, como os católicos. O fato de a campanha da ATEA ser uma reação a um contexto específico ganha, portanto, ainda mais evidências.

Não se pode esquecer, além do mais, de pesquisa conduzida por Oro (2011) em Porto Alegre a respeito da liberdade religiosa no Brasil.⁹ Assim, propondo um posicionamento

⁸ Disponível em Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 161 - 179, julho de 2001

⁹ Segundo Oro, “a pesquisa de campo foi realizada com o auxílio imprescindível dos seguintes estudantes do Curso de Ciências Sociais da UFRGS: Rosilene Schoenfelder (bolsista PIBIC/UFRGS), Eleana Paola Catacora Salas (bolsista BIC), Joana Morato (Bolsista FAPERGS). Mauro Meirelles, doutorando do PPGAS/UFRGS, contribuiu

diante do enunciado “no Brasil existe total liberdade religiosa” a um total de 384 indivíduos, chamou a atenção o fato de serem os sem religião aqueles que mais discordam com a existência da liberdade religiosa no Brasil. “‘Causa impacto’; ‘as pessoas tomam um susto’; ‘me sinto discriminado’, revelam os entrevistados, quando proclamam a sua condição de não-religiosos” (ORO, 2011, p. 232). O autor, então, conclui o pensamento:

Isto mostra o quanto os indivíduos que assim se posicionam se sentem discriminados pela sua opção de não expressarem um pertencimento religioso. Ou seja, num país como Brasil, onde a religião constitui um importante elemento de construção da pessoa e de inserção social, não parece ser fácil para um indivíduo afirmar-se sem religião, mesmo que isto não signifique dizer-se despoído de crenças e de valores religiosos.¹⁰

Além desses fatores, é interessante notar, também, que a iniciativa tem as suas inspirações. Dessa maneira, é provável que os organizadores da campanha da ATEA já estivessem cientes de algumas das reações que essas inspirações causaram nos seus respectivos públicos-alvo. Isso explica de certa forma o cuidado com a apresentação dos banners já discutido neste trabalho. No entanto, mesmo tendo em mente possíveis críticas desfavoráveis às outras campanhas, isso não impediu que a campanha em discussão recebesse as suas próprias. São essas críticas e, principalmente, a reação em geral de um grupo específico de religiosos (aqueles que tiveram acesso à campanha indiretamente através de um site de notícias) que serão discutidas no próximo capítulo deste trabalho.

não somente na aplicação dos questionários, mas, também, na montagem do banco de dados e na tabulação dos resultados.”

¹⁰ ORO, Ari Pedro. “A laicidade no Brasil e no Ocidente: Algumas considerações”. Civitas, Porto Alegre, v. 11, n. 2, ano 2011, p. 232.

4 REAÇÕES DE RELIGIOSOS, EM MEIO VIRTUAL, ANTE A CAMPANHA

Um dos primeiros jornais a noticiar a campanha organizada pela ATEA foi o Sul21, um “veículo de comunicação baseado nas novas mídias colaborativas da Internet 2.0”, como ele próprio se define. Em outras palavras, o Sul21 é um jornal virtual. Esse é o site que nos servirá de base para toda a análise que está por vir. A notícia foi publicada no dia 05/07/2011 com o título de “Primeira campanha ateísta do Brasil é lançada em Porto Alegre”¹¹, de autoria de Milton Ribeiro e Vivian Virissimo. Nela, uma rápida introdução à campanha é feita, e o contexto de sua aplicação é explicado. Todas as reações coletadas são referentes a essa notícia – dependendo exclusivamente das informações ali repassadas. Dessa forma, é importante chamar a atenção para o fato de que apenas dois dos quatro banners tiveram suas imagens divulgadas (são eles: o banner em que se lê “A fé não dá respostas. Só impede perguntas” e aquele com a mensagem “Religião não define caráter”). Além desses dois, há somente uma menção àquele em que se afirma que “Somos todos ateus com os deuses dos outros”, sendo descrito da seguinte forma: “traz imagens de uma divindade hindu, uma divindade egípcia e de Jesus de Nazaré, com as legendas ‘mito hindu’, ‘mito egípcio’ e ‘mito palestino’”. O banner referente à imagem em que se lê “Se deus existe, tudo é permitido” foi - como já apontado - ignorado pela reportagem.

Depois dessa breve, porém importante, descrição do meio virtual em que se concentrará a pesquisa, segue uma descrição dos dados coletados.

Situados todos no fim da página da notícia, a seção de comentários mostra-se em um bom nível de destaque. Ressalta-se que qualquer usuário pode deixar o seu texto, sendo apenas requeridas informações básicas como nome e e-mail para comentar. Até o dia 24 de novembro de 2011, 500 comentários referentes a essa notícia foram publicados, dos quais 17 foram feitos por religiosos auto-declarados. Temos, assim, desde católicos até umbandistas, passando também por cristãos de diversas crenças. Esse número reduzido de opiniões de fato não abrange e nem representa tudo aquilo que foi dito pelos comentaristas da notícia, não passando, portanto, de um recorte arbitrário. Esse recorte, mesmo assim, foi considerado

¹¹ Disponível em < <http://sul21.com.br/jornal/2011/07/primeira-campanha-de-midia-sobre-ateismo-no-brasil-e-lancada-em-porto-alegre/>>. Último acesso em 24 nov. 2011.

suficiente para a discussão aqui a ser empregada – de forma que ele pode ser futuramente estendido para que outras discussões possam ser feitos com base no mesmo objeto de estudo.

Tais comentários serão, então, analisados e discutidos a seguir. Antes, porém, é importante chamar a atenção mais uma vez para o fato de que os comentários selecionados foram somente aqueles em que os comentaristas admitiram explicitamente a crença em um sistema religioso específico – não necessariamente um sistema “institucionalizado”, embora todos encontrados o fossem. Isso se torna necessário para que não existam dúvidas em relação ao grupo de indivíduos estudados. Dessa forma, uma breve observação dos comentários mostraria um número muito maior das mais diversas reações (algumas moderadas, outras mais exageradas) ao fato noticiado. No entanto, em tais casos, tornou-se impossível a identificação das crenças desses indivíduos – os quais foram, assim, descartados a fim da pesquisa. Está se levando em consideração, aliás, que todas as reações foram relativas ao fato noticiado, e não ao fato em si – embora possa haver indivíduos que se depararam de fato com a campanha face a face.

Parte-se, finalmente, para a análise dos comentários coletados. A seguir, estão seis comentários pertencentes a quatro indivíduos diferentes que se declararam cristãos (não sendo possível, portanto, saber a qual vertente específica do cristianismo essas pessoas se identificam). Todos os comentários serão ordenados por conveniência ou de acordo com as opiniões emitidas, nem sempre por ordem cronológica. Além do mais, todos os nomes foram modificados a fim de que a identidade dos autores seja preservada. Por fim, os textos foram transcritos da mesma forma como escritos, podendo ser de difícil compreensão em alguns casos.

4.1 Comentários de indivíduos auto-declarados cristãos

O primeiro comentário que destaco é de um indivíduo que será chamado aqui de “João”. A partir de seu texto, percebe-se a sua identificação com outra crença que não a católica, afirmando, ainda, sofrer preconceito com esse fato. Sua reação aparenta desgosto com a campanha (percebe-se a partir do tom empregado ao iniciar a sua fala: “Porque (sic) cada um não fica na sua?”). Seu comentário dá a entender, por fim, que a campanha foi de

certa forma ofensiva aos religiosos, talvez ao destacar apenas a boa índole dos ateus (“O ladrão, bandido, estuprador, corrupto, etc pode tanto dizer que crê em Deus quanto se intitular ateu. Caráter duvidoso, má índole há em todos os lugares, não importa a “cor” do individuo, religião, sexo, etc.)

Comentário de João. Feito em 6 de julho de 2011 às 10:29.

Porque cada um não fica na sua? Se o cara é ateu, bom pra ele. Se é cristão, bom também pra ele (meu caso). Eu creio em Deus. E sofro preconceito por não ser da maioria (católicos). Piadas e comentários desagradáveis são rotina. Tenho amigos ateus. Isso não define minhas amizades. To nem ai se é ateu, católico, budista, etc. A única diferença para uma amizade com alguém que crê em Deus, é que teremos algo a mais em comum. Algo que é muito sério. Para os outros é bobagem. E eu com isso? Problema de quem achar. Não define de quem eu gosto ou deixo de gostar. O ladrão, bandido, estuprador, corrupto, etc pode tanto dizer que crê em Deus quanto se intitular ateu. Caráter duvidoso, má índole há em todos os lugares, não importa a “cor” do individuo, religião, sexo, etc.

Os próximos três comentários foram feitos pela mesma pessoa. Como o usuário anterior, esse também demonstra desgosto com a campanha. No entanto, aqui podemos apontar para aquele ponto considerado mais ofensivo pelo indivíduo – no caso, o outdoor no qual Hitler é exposto. Para ele, a utilização desse personagem como “representante” dos religiosos é injusta, ou não é aceitável. As comparações, dessa forma, seriam deveras tendenciosas (“Por que não lançam uma campanha com a foto de Stalin ao lado do Hitler e comparam os dois, não seria melhor? Por que não comparam São Tomas de Aquino a Freud? (...”).

Primeiro comentário de Paulo. Feito em 5 de julho de 2011 às 19:46

Por que nao lançam uma campanha com a foto de Stalin ao lado do Hitler e comparam os dois, nao seria melhor? Por que nao comparam Sao Tomas de Aquino a Freud? Ou a Escolastica Tardia e suas contribuições para a ciencia economica em comparação com o Marxismo? Comparem equivalentes, ou deixem de fazer essas comparações esdruxulas e absurdas, de uma ironia futil e psicopatológica, sem uma minima condição lógica para existirem.

Mas não vou prolongar a discussão, pois ela é inútil. Um ateu nunca irá reconhecer suas próprias crenças falaciosas, e irá sempre se esconder atrás de sua ideologia que flerta com a insanidade...

Segundo comentário de Paulo. Feito em 5 de julho de 2011 às 19:54

E outra coisa, Hitler não era religioso, ele acreditava em alguma coisa, isso não o faz ser religioso, pq se ele fosse realmente religioso ele seguiria a doutrina de sua religião, e eu acho q não existe religião q pregue as coisas q ele fazia. O fato é q essa campanha está distorcendo a verdade para tentar chocar pessoas sem cultura e q tem a fé fraca, e o preconceito existe não pq existe muitos Crentes, é exatamente o contrário, é pq existem muitos membros de igreja, pq Jesus nunca pregou o preconceito e se esses “Crentes” seguissem os passos q eles dizem q seguem nada disso precisaria ser feito, pq Jesus não pregou a intolerância não, ele pregava apenas o amor, amar ao próximo como a ti mesmo, isso resume tudo, se a pessoa tem pensamentos diferentes dos meus eu não devo obrigá-la a nada nem tratá-la diferente, só devo respeitá-la assim como eu quero ser respeitado. O Brasil não é um país cristão, não se enganem, o Brasil é um país ignorante com pessoas ignorantes e sem esperança q pensam q indo a igreja vão ficar ricas e cheias de “Bençãos”, q muitas vezes não sabem nem oq a fé deles defendem só se intitulam Crentes e acham q são melhores q todas as outras pessoas q pensam diferente delas. Cara eu sou crente mas eu sei de q eu falo, sobre oq eu falo e o porque q eu falo. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”

Terceiro comentário de Paulo. Feito em 5 de julho de 2011 às 20:13 (este comentário foi feito em resposta a outro usuário)

Cara em q momento é isso, a sei... no antigo testamento tu acha q eu não sei disso, q metiam pedras nos gays e nas adúlteras? porém eu sou cristão, cristão, não é tão difícil de entender q Jesus veio e mudou um pouco as coisas, e Hitler não seguia merda nenhuma não isso é alienação de vocês, o fato dele ter pego um trecho da palavra e fazer isso não q dizer q ele seguia não, por favor parem de distorcer a verdade

A comentarista a seguir, por sua vez, acredita que a campanha foi preconceituosa em relação aos crentes. Segundo ela, as mensagens aumentaram as diferenças entre ateus e crentes, em vez de mostrar as suas semelhanças.

Comentário de Maria. Feito em 8 de julho de 2011 às 9:03

Combater preconceito com mais preconceito? Isso é boa campanha? Não julgo ateus, (tenho muitos amigos ateus), sou cristã e também não quero ser julgada e rotulada, como esse trabalho faz. Diminuir preconceito é mostrar semelhanças e não aumentar diferenças.

Da mesma forma que o comentário anterior - e finalizando a análise dos comentaristas de crença cristã - o próximo também aponta para um suposto preconceito empregado pela ATEA em suas mensagens. Além do mais, este comentarista, de modo similar ao primeiro analisado, também afirma sofrer perseguição pelo fato de “andar com Cristo”. Por fim, ele acredita que a campanha deva passar por uma reforma para que perca o ar - em suas palavras – “revanchista” ou “desafiador”, de forma que apelasse para o raciocínio, e não para a revolta.

Comentário de Mateus. Feito em 28 de julho de 2011 às 22:55

Estranho... Com uma campanha tão arrojada, quem está sendo preconceituoso? Sou cristão e não discrimino os ateus ou agnósticos. Tenho amigos chegados que os são, na verdade, e, embora discorde do seu ponto de vista, jamais os censurei ou coagi a sequer concordarem comigo. E não se esqueçam que, da mesma forma que uma pessoa escolheu não crer no sobrenatural, eu também tive uma opção; escolhi andar com Cristo e tb sou perseguido. Começaremos uma guerra??? Enfim, creio que a campanha devesse passar por uma reforma para que perdesse esse ar revanchista (ou pelo menos desafiador) e passasse a apelar para o raciocínio, ao invés da revolta

4.2 Comentários de indivíduos auto-declarados católicos

Partindo agora para o comentário dos auto-declarados católicos, transcrevo a mensagem a seguir, de uma leitora especialmente incomodada com o banner que leva a mensagem “a fé não dá respostas, só impede perguntas”. Utilizando-se, então, do argumento de que alguns dos grandes cientistas da humanidade foram católicos – cuja religião, inclusive,

“fundou as bases da civilização ocidental e permitiu que surgissem as universidades, nossos grandes centros de pesquisa e educação” -, a comentarista aponta a suposta ingenuidade ou erro do outdoor em questão.

Comentário de Caroline. Feito em 6 de julho de 2011 às 10:58

alguem disse “a ciência esta sempre em busca de uma resposta de como surgiu o Universo, enquanto que todas as religiões que conheço tem uma “resposta” imutável e irracional.”

Será que alguém aqui sabe quem iniciou a teoria do Big Bang que voces tanto amam? Georges Lemaitre, que adivinhem só?! Era um sacerdote católico! Será que voce já estudou alguma coisinha sobre genetica!? Sabe quais sao os fundamentos básicos das leis que determinaram teus olhos azuis ou castanhos? teus cabelos loiros ou pretos? as Leis de Mendel, que pra quem não sabe era um monge agostiniano Católico. Agora me digam que esta fechado, com uma resposta imutavel e irracional?!

O catolicismo fundou as bases da civilização ocidental e permitiu que surgissem as universidades, nossos grandes centros de pesquisa e educação! Sou católica, estudante universitária e me orgulho profundamente por saber que a minha fé não contradiz meus estudos. Faço medicina e vocês podem imaginar que não sou uma coitada ignorante. Tenho vários colegas ateus que tem sempre o mesmo posicionamento radical de ciencia X fé.

Engraçado, não vejo nada mesmo de irracional ou “anti-ciencia” no que esses homens descobriram.

Estudem, e por favor, não me venham com essa de que a fé impede perguntas!

Já os próximos três comentários parecem apontar para um mesmo “problema” da campanha: a agressividade para com os religiosos. Ela foi, assim, descrita de diversas formas, todas com sentido similar. Foi, assim, classificada como revestida de preconceitos, como intolerante e como sendo desrespeitosa em relação às religiões.

Comentário de André. Feito em 7 de julho de 2011 às 11:57

Sinceramente, a iniciativa pode até ser boa. No entanto, está muito revestida de preconceitos também. A foto da pessoa atrás das grades segurando um livro que me parece ser religioso afronta além da conta.

Sou católico apostólico romano, com muito orgulho. Não tenho problema algum com quem não segue minha religião até o ponto no qual a discordância vira afronta. O respeito, ao meu ver, vem disso...concordar em discordar. Tem o direito de fazer suas propagandas do ateísmo, mas não tem o direito de exigir seus direitos pisando no dos outros também

Comentário de Felipe. Feito em 22 de julho de 2011 às 10:04

Aí moçada intolerância não rola sou católico e creio que todos têm o livre arbítrio em crer ou não crer, só que para defender uma ideia uma crença tem que tem uma fundamentação muito boa, senão será pura ignorância.

Comentário de Bianca. Feito em 5 de julho de 2011 às 17:51

Qual o problema de vocês com religião? Sério.

Concordo que tem certas religiosas que extrapolam, a minha então... Sou Católica Apostólica Romana e discordo com um milhão de coisas da minha Igreja, o que pego de ensinamento são as coisas boas: AMOR.

Não dá pra generalizar tudo, VAMOS SE RESPEITAR, GALERA

Trazendo-nos uma nova crítica às mensagens, a próxima comentarista acusa a campanha de pregar a não-existência de um deus. Inclusive, cita um fato de sua vida para, de certa forma, mostrar como podem estar errados. Por fim, lembra de Einstein e o fato de ele não ser ateu, como mais uma possível forma de criticar a iniciativa.

Comentário de Suzana. Feito em 11 de julho de 2011 às 18:49

Acho que de todas as partes , ateus Crentes ha falsos pensamentos .Quem pode aclamar que uma coisa não existe se esta mesma pessoa não tem provas!!!!!!!Sou catolica no ou quaze praticante. Vivie 10 anos da minha vida descreditada de tudo, até do ser humano,um dia estive a beira da morte,Coma “UTI” transfusão de sangueparadas cardiacas a total. Enquanto isso eu sobrevivia so no pensamento que parecia muito longeee, sabia que ia morrer e deixar uma criança orfão pois vinha de nascer para esse mundo que eu não queria . não sentia mais nada estavava como saindo daquele corpo que era so um envelope provisorio, dessa curta passagem por esse mundofoi tão profundo que so quem passou por isso me acreditara. ;Então passoume pela mente tudo que meus pais e avos me ensinaram, que deus existia não sei de que forma ,entãonão iria perder nada mesmo não acreditando , meu ultimo pedido :”que se DEUS existisse eu que não era digna dele , que me fizesse voltar, eu iria acreditar que ele ” existia foram meus ultimos pensamentos e durante varios dias estava mais morta que vivaquaze que desligavam todos os aparelhos pois os mèdicos não acreditavam em mais nada.So sei que um dia abri os olhos e vi toda essa gente que me fixava, meu corpo pouco a pouco voltou a o normal então muito tempo depois lembreime do pedido que tinha feito. A parti desse instante comecei novamente à acreditar em Deus, mesmo se raramente vou a igreja , não participo dessa hiteria coletiva, mas so pra mim e ele eu agradeço. Hoje soffro dedepresso profunra nãotenho mais mêdo da morte, pois que so estamos passando por esse mundo,com humildade ,respeito atodos os que acreditam e os que ainda não tiveram a oportunidade de encontrar a fé. Pra que tanta polêmica já nos bastam as mazelas dessa vida ,as gerras etc.So mais uma lembrança, Einstein não era ateu.

Distinguindo-se radicalmente dos comentários anteriores – e pondo um fim a discussão dos comentários de auto-declarados católicos - chamo a atenção agora para os dois comentários seguintes, cujos autores, diferente dos outros expostos aqui neste trabalho, aprovaram a campanha. Percebe-se com base em seus textos, assim, que a mensagem passada pelos organizadores da ATEA foi recebida de acordo com aquilo que fora por eles teorizado. Chama a atenção, dessa forma, a frase final do segundo comentário, qual seja: “Os ateus (da ATEA) não querem “converter ao ateísmo” nem ofender ninguém, só querem ser deixados em paz.”

Comentário de Bárbara. Feito em 19 de julho de 2011 às 22:22

Ótima iniciativa!! Sou católica passiva, sabem? Acredito em um ser superior, mas não sou “fanática” e raro vou em missas mas acho que as pessoas tem que saber respeitar o tipo de opinião de cada uma, pois cada um de nos tem uma percepção diferente do mundo.

Comentário de Mônica. Feito em 21 de julho de 2011 às 22:11

Sério... Queria muito ler todos os comentários, pois este é um assunto que desperta a minha atenção, mas acabo me irritando com esse povo que não sabe discutir, sem partir para ataques pessoais. Eu sou católica. Minha irmã é Atéia. Nós nos amamos muito. Ela não é um monstro. Eu não sou uma santa. Somos humanas, diferentes, e nos respeitamos. Cada uma na sua. É isso o que a campanha quer passar... Não é tããããã difícil de entender. Mas me incomoda ver gente que nem sabe escrever arrotando sabedoria e chamando os outros de ignorantes. Os ateus (da ATEA) não querem “converter ao ateísmo” nem ofender ninguém, só querem ser deixados em paz.

4.3 Comentários de indivíduos auto-declarados umbandistas

Reúno em um único parágrafo os comentários dos umbandistas, mas isso não quer dizer que suas mensagens foram tão similares quanto possa parecer. O primeiro deles, assim, passa a impressão de total apoio à campanha, reforçando ademais as mensagens da forma como a autora as compreendeu. Já o segundo comentário parece passar um apoio parcial a iniciativa, uma vez que é feita uma crítica indireta aos seus organizadores (“no momento em que tentam impor o ateísmo a quem já possui uma crença, vocês estão se equiparando às religiões as quais estão criticando”).

Comentário de Larissa. Feito em 29 de julho de 2011 às 9:34

Bom dia. Sou umbandista e embora a expressão de fé e religiosidade não seja tida como realidade para ateus, compreendo e apóio perfeitamente a manifestação contra a intolerância feita por vocês. Isso não é questão de religiosidade ou ateísmo, isso é cidadania, liberdade, respeito às diferenças. Que os grupos, sociedades, povos, nações, um dia se unam em comunhão de idéias tolerantes e construam uma cultura de paz verdadeira. Posso, devo e vou sempre respeitar meu irmão, seja ele ateu, budista, negro, amarelo, deficiente, gay, mulher, enfim, não importa. Zero ao preconceito. Direitos humanos sempre.

Comentário de Caio. Feito em 20 de agosto de 2011 às 20:30

Combater o preconceito concordo plenamente, agora no momento que tentam impor o ateísmo a quem já possui uma crença, vocês estão se equiparando as religiões as quais estão criticando.

Realmente religião não faz caráter, independente da religião o que importa é fazer a caridade pura e de bom coração.

Sou umbandista e não por isso vou sair tentando convencer a todos de vir para minha religião, é mais fácil convence-los de receber o próximo, assim evitaríamos campanhas como essas.

4.4 Comentários de indivíduos auto-declarados protestantes e espíritas

Por fim, reúno aqui os comentários do único indivíduo auto-declarado protestante e do único auto-declarado espírita dentre todos os comentários da notícia. É notável a similaridade entre eles, uma vez que ambos demonstraram, como ocorreu anteriormente em comentário de umbandistas, um apoio parcial à campanha. Além do mais, a crítica é direcionada ao mesmo banner: aquele, já atacado anteriormente, no qual se lê a mensagem “a fé não dá respostas, só impede perguntas”.

Assim, segundo o comentarista protestante, a mensagem dá a entender que “toda pessoa que tem fé é uma tapada”, completando considerá-la agressiva e contraproducente. Ele

também critica a imagem utilizada como pano de fundo, onde se encontra um presidiário portando uma Bíblia. De acordo com o autor do comentário, há muita falsidade na identificação de presidiários com uma religião. Os outros outdoors, no entanto, são - em sua opinião - válidos.

A comentarista espírita, da mesma forma, faz uma crítica contundente àquele mesmo outdoor. Em suas palavras, “dizer que a fé não traz resposta – apenas perguntas – é uma afirmação preconceituosa e ignorante, pois diz que quem encontra respostas na fé está errado”. O fato de ser ignorante, assim, segundo ela, é porque a fé não necessariamente é uma religião. Apesar disso, a campanha é considerada válida, e ainda há um elogio ao cartaz em que se encontram Chaplin e Hitler (o qual, lembra-se, não foi bem aceito por outros comentaristas).

Comentário de Bruna. Feito em 8 de julho de 2011 às 3:38

Sou protestante, e achei a campanha boa. Não é porque tu tem uma crença, que tu tem que ser julgado por isso. Julgado, se for, será só por Deus no juízo final (na minha crença).

O que eu achei forte foi o outdoor da “fé”. Aí eu já acho que quiz dizer de alguma forma que toda pessoa que tem fé é uma tapada. Achei agressivo. Poderiam continuar com os outros dois outdoors, mas esse aí vai causar o efeito-inverso. E outra, essa foto do presidiário segurando a Bíblia. Gente, eu acredito que tem um monte de gente presidiária falseta, fingindo de santo só para ter a liberdade condicional. Nos momentos de aperto, a maioria da população junta as mãos por desespero ou fingimento.

Comentário de Camila. Feito em 15 de julho de 2011 às 14:23

Sou espírita, a campanha é válida. Acho que o preconceito não deve existir. No entanto DIZER QUE A FÉ NÃO TRAZ RESPOSTA APENAS PERGUNTAS É UMA AFIRMAÇÃO PRECONCEITUOSA E IGNORANTE, pois diz que quem encontra respostas na fé está errado. A fé não necessariamente é uma religião. O cartaz com o chaplin/hitler ficou interessante.

5 ANÁLISE GERAL DOS COMENTÁRIOS

Depois de expostos todos os comentários de religiosos auto-declarados encontrados na notícia, considero válida uma análise mais ampla daquilo que se pôde perceber a partir deles. Afinal, a reação do conjunto desses comentaristas é que vai nos dizer qual foi, no geral, o impacto resultante da campanha noticiada pelo jornal Sul21 e orquestrada pela ATEA.

Primeiramente, é importante ressaltar, então, a péssima recepção que a iniciativa teve para com os religiosos. Dos 15 comentaristas (com um total de 17 comentários), nove deles empenharam-se em criticar de forma contundente as mensagens passadas pelos outdoors. Além do mais, três indivíduos mostraram um apoio apenas parcial à campanha, de forma que aspectos dela também foram criticados. Por fim, apenas três comentaristas não apontaram algum problema nos banners, dando, assim, total apoio à iniciativa.

Analisando, então, as críticas negativas, chega-se a conclusão de que a mensagem menos aceita foi sem dúvidas aquela na qual se afirma que “a fé não dá respostas, só impede perguntas”. Um total de três comentaristas criticaram-na diretamente, além de um indivíduo que citou apenas o seu plano de fundo (onde pode-se ver um presidiário com um bíblia em mãos). Houve, também, um ataque direto ao banner em que se colocaram Hitler e Chaplin lado a lado, mas este também recebeu um elogio. Outras críticas envolviam acusações de preconceito contra crentes, imposição do ateísmo, falta de respeito, intolerância e revanchismo; entretanto, muitas delas foram direcionadas à campanha como um todo, sem que mensagens em particular fossem citadas.

Já em relação aos comentários positivos, afirma-se em geral que o preconceito sofrido pelos ateus é real, portanto a campanha em sua integridade (ou de forma parcial, dependendo do comentarista) é válida. Percebe-se aqui uma recepção quase que exata àquela que havia sido imaginada (ou esperada) pelos organizadores da iniciativa. Essas opiniões (assim como as opiniões daqueles mais negativamente críticos), no entanto, podem ter sido influenciadas por algumas das informações repassadas pela notícia.

Encontra-se na notícia, então, o trecho a seguir: “Conforme pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, os ateus são as pessoas mais detestadas no país, merecendo repulsa, ódio ou antipatia de 42% da população”. Também nos é informado a respeito do

contexto em que a campanha foi formulada: “Na ocasião, Datena disse que só quem não acredita em Deus é capaz de cometer crimes. Para ele, ateus são ‘pessoas do mal’, ‘bandidos’, ‘estupradores’, ‘assassinos’ e atribuiu a culpa da violência e da corrupção no país aos ateus”. Tais informações estão carregadas de dados com potencial de sensibilizar indivíduos à situação vivenciada pelos ateus – mas, como demonstrado anteriormente, não impediu que a grande maioria dos indivíduos se posicionasse contrária à campanha.

Continuando a discussão de informações repassadas pelo site, chamo a atenção novamente para o fato de que o banner em que se lê a mensagem “Se deus existe, tudo é permitido” foi ignorado pela reportagem. Além do mais, aquele em que se afirma que “Somos todos ateus com os deuses dos outros” não recebeu o mesmo destaque que os demais. Não se sabe qual seria a influência nas opiniões emitidas se todos os banners fossem igualmente divulgados, no entanto isso pode explicar a inexistência de críticas diretas àquele banner ignorado e possivelmente também àquele que recebeu menor destaque.

Finalmente, com todos esses dados discutidos e os comentários analisados, não acredito que se possam tirar conclusões óbvias a respeito dos resultados finais dessa campanha. De fato não estava descrito nos objetivos expostos no início desta pesquisa a intenção de causar reações tão indignadas em relação à iniciativa, como se pôde observar. À primeira vista, assim, existe a aparência de uma iniciativa contraproducente por parte da ATEA. No entanto, será que realmente não houve avanços por parte da Associação? Quantos indivíduos, afinal, tomaram conhecimento desse grupo por consequência da campanha? O aumento do público certamente será algo positivo para as suas pretensões. Será, também, que o simples fato de gerar uma discussão em torno do assunto não tenha logrado êxito? E, por fim, qual foi o número absoluto de indivíduos que - diferentemente do que ocorreu com a maioria aqui observada – receberam a mensagem da forma como idealizada pela ATEA? Uma única pessoa que teve a sua mentalidade modificada a favor daquilo que a Associação prega não pode já ser considerado produtor?

6 CONCLUSÃO

Concluo este trabalho na esperança de que os objetivos propostos tenham sido satisfatoriamente atingidos. Foram diversas as dificuldades encontradas durante a sua realização. Dentre elas, destaco os métodos pouco usuais aqui utilizados. Pensados inicialmente como uma forma de facilitar a pesquisa e torná-la viável de acordo com o contexto em que me encontrava, vi-me envolto de assuntos aos quais tinha pouca familiaridade. Assim, o caráter científico da pesquisa foi muitas vezes questionado. No entanto, depois de leituras mais específicas – utilizadas na formulação da seção de metodologia do trabalho – pôde-se contar com informações antes desconhecidas. Embora ainda assim se possam questionar algumas das técnicas utilizadas, acredito que o resultado final tenha sido satisfatório levando em consideração as circunstâncias e o contexto em que me encontro dentro do curso de Ciências Sociais. Por fim, surpreendeu-me a quantidade de dados interessantes coletados ao longo deste trabalho, demonstrando que, sem dúvida, há muito espaço para pesquisa em relação ao objeto de estudo escolhido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. _ _ _ _ . Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf>

MEIRELLES, Mauro. Imaginários políticos e religiosos no sul da América Latina. Porto Alegre, junho de 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31729/000783076.pdf?sequence=1>

ORO, Ari Pedro. Políticos e religião no Rio Grande do Sul – Brasil. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 7, n. 15, p. 161 – 179, julho de 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832001000100007&script=sci_arttext

_____. A laicidade no Brasil e no Ocidente. Algumas considerações. Civitas, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 221 – 237, maio/ago 2011. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/9646/6618>

PIENIZ, Mônica. Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. Revista Elementa. Comunicação e Cultura. Sorocaba, v.1, n.2, jul/dez 2009. Disponível em: http://comunicacaoecultura.uniso.br/elementa/v1_n2_06.pdf

REFERÊNCIAS ACESSADAS NA WEB

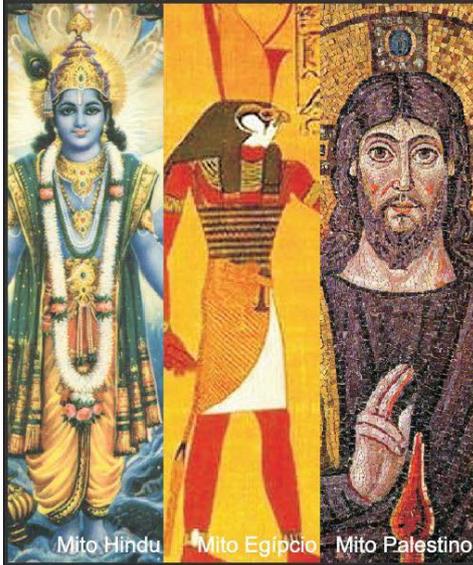
ATEA – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATEUS E AGNÓSTICOS. SITE OFICIAL.

<http://www.atea.org.br/>

_____. PÁGINA OFICIAL DO FACEBOOK.

<http://www.facebook.com/ATEA.ORG.BR>

ANEXO A – “Somos todos ateus com os deuses dos outros”



SOMOS TODOS ATEUS

com os deuses dos outros

Diga não ao preconceito contra ateus.

ATEA
Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos

www.atea.org.br

ANEXO B – “Religião não define caráter”

Charles Chaplin

Adolf Hitler

RELIGIÃO
NÃO DEFINE
CARÁTER.

Diga não ao preconceito contra ateus.

ATEA
Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos
www.atea.org.br

NÃO ACREDITA EM DEUS

ACREDITA EM DEUS

ANEXO C – “A fé não dá respostas. Só impede perguntas.”



A fé não dá respostas.
Só impede perguntas.

Diga não ao preconceito contra ateus.

ATEA
Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos

www.atea.org.br

ANEXO D – “Se deus existe, tudo é permitido”



Se Deus existe,
tudo é permitido.

Diga não ao preconceito contra ateus.

ATEA
Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos

www.atea.org.br